

OUTRO OLHAR SOBRE OS USOS DA BIBLIOTECA ESCOLAR

Marcela Lopes Mendonça Coelho De Amorim (IFES) - marcelamedm@gmail.com

Eduardo Valadares da Silva (UFMG) - edu-valadares@eci.ufmg.br

Resumo:

Apresenta um relato de atividades cotidianas desenvolvidas na biblioteca da Escola Municipal de Ensino Fundamental Aristóbulo Barbosa Leão da Prefeitura Municipal de Vitória no Espírito Santo no que diz respeito aos usos do espaço pelos alunos e que são observados pela bibliotecária da unidade como formas de aproximação e afetividade à biblioteca.

Palavras-chave: *Biblioteca escolar. Espaço. Leitor*

Eixo temático: *Eixo 11: IV Fórum de Biblioteconomia Escolar: pesquisa e práticas rumo ao desenvolvimento humano*



XXVIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação

Vitória, 01 a 04 de outubro de 2019.

INTRODUÇÃO

Apresentamos algumas reflexões baseadas em vivências e atividades desenvolvidas no espaço da biblioteca da Escola Municipal de Ensino Fundamental Aristóbulo Barbosa Leão (EMEF ABL), da cidade de Vitória – ES que conta com aproximadamente 500 alunos.

Acreditamos que as atividades aqui compartilhadas podem ser potencializadoras e inspiradoras a outras bibliotecas, principalmente no que diz respeito à adoção de posturas mais horizontalizadoras e promotoras de uma maior aproximação com seus estudantes.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Uma situação recorrente nas bibliotecas escolares do país, principalmente no contexto das escolas públicas, é a solicitação da equipe pedagógica para que a biblioteca receba turmas de alunos que se encontram sem professores devido à falta imprevista desses profissionais por motivos variados. Contudo, na biblioteca da EMEF ABL, a bibliotecária Marcela Amorim tem buscado potencializar e transformar o que seria um horário ocioso e improdutivo em momentos de aprendizagens diferenciadas.

Um exemplo interessante a se compartilhar se deu com uma turma do 8º ano que estava sem professor, e a coordenação da escola solicitou que Marcela ficasse com os alunos por um horário. Como não havia nada programado para a turma, Marcela optou por deixá-los livres para ler, usar o telefone celular, conversar moderadamente, enfim, deixou que eles ficassem à vontade na biblioteca utilizando o espaço da maneira que preferissem, desde que não ultrapassassem os limites de um comportamento compatível ao ambiente escolar (Foto 1).

Foto 1 – Ocupação do espaço da biblioteca



Na observação de como os alunos se distribuíram pela biblioteca, um grupo chamou mais atenção, pois era formado por seis meninos e meninas, deitados ou sentados no chão entre as estantes, uns sobre as pernas e ombros dos outros. Ao mesmo tempo em que uma das alunas lia um livro em voz alta para o restante desse grupo, outros iam procurando outros livros na estante e outros manuseavam o telefone celular. O que, em princípio, poderia ser interpretado como indisciplina, foi uma demonstração de pertencimento daquele espaço, sem que para isso fosse necessária a manutenção de uma postura rígida e disciplinadora que muitas vezes é exigida em uma biblioteca (Foto 2).

Foto 2 – Alunos do 8.º ano acomodados entre as estantes



A postura desses alunos mostra a clara transformação da biblioteca que deixa de ser um lugar vazio e passa a condição de um espaço habitado, marcado pela complexidade de movimentos para os quais ela não fora planejada, mas que vão ao encontro das operações momentâneas daqueles que a ocupam sem a obediência às condições de um próprio (CERTEAU, 1994).

O olhar educativo de Marcela sobre esses contextos, principalmente os inesperados como o anteriormente relatado, normalmente ocorre em *maneiras e artes de fazer*, como enunciado por Certeau (1994), por meio dos seus usos e pondo em xeque uma forma de refletir materializada no seu modo de agir.

Destacam-se também atividades planejadas pela bibliotecária que acabam por deflagrar momentos criativos e de extrema sensibilidade. Por exemplo, quando na realização de uma atividade com o poema “O Segredo das Palavras” do livro *Minha Rua* de Neusa Jordem com os alunos do 5º ano, na qual pequenos fragmentos do texto eram distribuídos aos alunos e pedido que eles associassem esses trechos a alguma palavra. Uma aluna (foto 3) perguntou então, se poderia escrever Biblioteca como uma palavra que lhe remetia às cores. Marcela então perguntou:

_ Qual cor a biblioteca te faz lembrar?

_ Me faz lembrar o colorido professora! (Respondeu a aluna à Marcela.)

Foto 3 – Olhar da aluna que associou a biblioteca ao colorido



Consideramos que situações que rompem com o conceito de que a biblioteca é lugar exclusivo de ordem, silêncio, de guarda de livros, ou com outras concepções que não a remetem a um espaço colorido, como na associação feita pela aluna do 5º ano, insistem em se manter em muitas bibliotecas escolares. Certamente a relação feita pela aluna, se deu em virtude da decoração da biblioteca, de seus armários, janelas e paredes (Foto 4), mas cremos também, que a principal razão que deflagrou este olhar foi a complexidade de acontecimentos que ocorrem na biblioteca.

Foto 4 – Armários estilizados da biblioteca



Outro momento potente que chama atenção, no que se refere aos usos na biblioteca da EMEF ABL, diz respeito aos recreios, pois, na maioria das escolas, há um impasse recorrente quanto ao funcionamento ou não das bibliotecas durante esses momentos. Bibliotecários, via de regra, argumentam que o momento do recreio é uma oportunidade de fazer um intervalo para lanche e interagir com os professores e que essa pausa fora do horário do recreio os deixam isolados do restante da equipe da escola ou compromete o atendimento às turmas agendadas.

Na EMEF ABL, a prática adotada é que a biblioteca esteja aberta durante os recreios. Diante disso, os alunos criaram um ponto de encontro no conforto do ar condicionado e longe da correria, realizando atividades espontâneas, ou simplesmente tornando a biblioteca em um espaço de encontro, ficando nítida a liberdade de uso nesse momento (Foto 5)

Foto 5 – A leitura praticada durante o recreio



Esses movimentos, ao invés de serem interpretados negativamente, se mostram como catalisadores das transformações que rompem com um comportamento instituído e viabilizam a auto-organização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de um ambiente de liberdade como o aqui relato por meio de fragmentos de experiências cotidianas numa biblioteca escolar, tem a possibilidade de favorecer uma série de questões importantes ao estreitamento da relação dos alunos com esse espaço, dentre eles, a ampliação da concepção de leitura por parte dos próprios estudantes. Baseados em Ezequiel Theodoro da Silva (1999) que fala sobre o “mistério” da leitura e a “alquimia” em torno do processo de formação de leitores, acreditamos que a liberdade e descontração dos encontros com a leitura, favorecem a relação criada entre o leitor e o texto, permitindo que este se sinta à vontade nesta prática.

Se esses processos puderem ser desfrutados em espaços e situações acolhedoras como as apresentadas neste relato, acreditamos que os usuários perceberão essas condições como refúgios, nos quais poderão se entregar aos mistérios da leitura, tornando a biblioteca um espaço ocupado espontaneamente.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1994

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Concepções de leitura e suas consequências para o ensino.

Perspectiva, Florianópolis, v.17, n. 31, p. 11 - 19, jan./jun. 1999. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10708/10213> Acesso em 01 abr. 2019.